Generatividade em estudantes e profissionais de educação

José Ferreira-Alves
Universidade do Minho
Pedro Lopes dos Santos
Universidade do Porto
Cidália Ferreira Alves
CIPSI – Univ. Minho
Anabela Alves
CIPSI-Universidade do Minho
Lurdes Brito
CIPSI-Universidade do Minho
Fernando Cunha
Instituto Piaget e CIPSI
([1])

Resumo: O conceito de generatividade proposto inicialmente por Erik Erikson (1976) é tão importante para compreendermos os problemas e desafios que se colocam aos adultos e às sociedades contemporâneas quanto o tem sido o conceito de identidade para compreender os desafios que se colocam ao adolescente e ao ciclo de vida humano. Apesar da importância social e educativa deste conceito não tem havido entre nós tentativas de medida deste conceito especialmente em populações com responsabilidades educacionais. Tomando uma amostra de jovens adultos e adultos, composta por professores, estudantes de docência, de educação e auxiliares de acção educativa, medimos dois componentes da generatividade utilizando dois instrumentos disponíveis para esse efeito: a Escala de Generatividade de Loyola (EGL) e a Lista de comportamentos generativos (LCG) que medem, respectivamente, a preocupação generativa e os actos generativos. Os resultados apontam, tal como em outros estudos internacionais, para a sensibilidade e consistência interna destas medidas e para a sua variação significativa em função de variáveis como a idade, o exercício ou não de função parental e o estatuto ocupacional. Discutiremos estes dados e proporemos que este conceito e suas medidas façam parte de uma nova agenda de investigação em educação e psicologia.

[1] Os autores agradecem ainda a preciosa colaboração das Dras Liliana Moreira, Gina Fernandes Esteves, Ana Vila Lobo e Daniela Gomes

Introdução

O conceito de generatividade, proposto inicialmente por Erik Erikson (1976), parece ser tão importante para compreendermos os problemas e desafios que se colocam aos adultos e às sociedades contemporâneas quanto o tem sido o conceito de identidade para compreender os desafios que se colocam ao adolescente e ao ciclo de vida humano. Talvez melhor do que qualquer outro autor Erikson articulou, efectivamente, as problemáticas e ingredientes do desenvolvimento pessoal com os processos de macro-regulação organizados a partir dos dispositivos ideonormativos de controlo social, nomeadamente das suas instituições morais, éticas e sociais. De facto, ao conceptualizar o momento da vida adulta como sendo de generatividade, Erikson parece ter em conta a expansão do amor partilhado com alguém no presente –e que era o aspecto central da crise normativa da intimidade *versus* isolamento– para o futuro, projectando-o sobre as gerações vindouras. E por isso entende que a virtude que emerge deste estádio é a virtude do cuidado que só pode ser "encarnada" pelos adultos, pelas pessoas que estão num momento do seu ciclo de vida no qual estão mais libertos da preocupação consigo próprios e mais orientados pelo desejo, pela vontade e pela competência para cuidar de outros. Mais recentemente McAdams e St Aubin (1992) McAdams, Hart e Maruna (1998) expandiram o conceito de generatividade ao elaborarem um modelo composto por sete características, algumas delas operacionalizadas através de medidas como a Escala de Generatividade de Loyola (EGL) ou a Lista de Comportamentos Generativos (LCG). As características desse modelo incluem a exigência cultural (1) que combinada com um anseio interior de imortalidade ou o desejo de se sentir necessário aos outros (2) promovem a consciência de uma preocupação com a geração seguinte (3), um determinado nível de compromisso (4) e de acção generativa (5). Esta acção pode ser, ainda, mediada pela crença no merecimento da vida e no valor da condição humana (6).

Finalmente, a configuração específica das relações entre a exigência, o desejo, a preocupação, o compromisso e a acção adquirem significado à luz da narrativa de generatividade (7) – a história subjectiva que o indivíduo constrói acerca do contributo da sua existência para a geração seguinte. Caso os guiões generativos do adulto se harmonizem com as preocupações generativas da cultura em que vive, essa narrativa será, provavelmente, bem sucedida.

A atenção dedicada ao conceito de generatividade terá, eventualmente, a vantagem de permitir uma maior focalização da pesquisa sobre o período da vida adulta. A centração social e cultural na infância ou na adolescência, que tem orientado muitas preocupações sociais e científicas, permanecerá sempre limitada sem a concomitante preocupação de indagar o modo como os adultos reconhecem, valorizam e assumem o seu papel face à geração que se lhes seguirá. A eles cabe, efectivamente, garantir os cuidados e as condições que marcarão o desenvolvimento dos mais novos. Por outro lado, muito pouco se sabe acerca da generatividade dos nossos adultos e dos nossos educadores. Além daquilo que conceptualmente tem sido desenvolvido, desconhecemos o "estado" da generatividade dos nossos adultos, as suas formas de variação relacionadas com o tempo, o género ou com algumas funções sociais já exercidas como, por exemplo, a paternidade/maternidade. E acima de tudo não temos medidas adaptadas à nossa cultura e ao nosso contexto particular.

Este estudo visa, pois, fazer o ensaio preliminar da adaptação de duas medidas de generatividade, propostas por McAdams – uma medida de preocupação generativa (Escala de Generatividade de Loyola) e uma medida de acção generativa (Lista de comportamentos generativos) - e recolher os primeiros dados sobre a generatividade em pessoas adultas associadas de alguma maneira à educação: estudantes de educação e de ensino, professores e auxiliares de acção educativa. Embora pudéssemos estabelecer

algumas hipóteses com base em investigação já publicada, interessa-nos mais, por agora, fazer uma exploração descritiva dos próprios instrumentos e dos dados que eles nos revelam, privilegiando o levantamento de pistas de investigação mais do que de interpretação estrita dos dados.

Método

Participantes

A amostra estudada integrou 260 participantes dos quais 85.00% (n= 221) eram do sexo feminino e 15.00% (n= 39) do sexo masculino. Em termos etários, as idades variavam entre os 19 e os 70 anos, sendo a média de 35,4 anos. O recrutamento dos participantes foi feito sobretudo em escolas secundárias por profissionais de Psicologia que lá trabalhavam, abrangendo professores (n= 185) e auxiliares de acção educativa (n= 41) de escolas dos Açores, dos distritos de Braga ou do Porto. Foi igualmente incluído um grupo de estudantes universitários (n= 32) recrutado por um dos autores do presente estudo.

Instrumentos

Foram administradas versões portuguesas da *Loyola Generativity Scale* (McAdams & de St Aubin, 1992) –Escala de Generatividade de Loyola– e da *Generative Behavior Checklist* (McAdams & de St Aubin, 1992; McAdams, Hart & Maruna, 1998) –Lista de Comportamentos Generativos.

A Escala de Generatividade de Loyola (EGL) é vista pelos seus criadores como uma medida de preocupação generativa, sendo composta por 20 itens que reflectem várias dimensões da generatividade encontradas na literatura como (1) a transmissão de conhecimentos e competências a outros, nomeadamente à geração seguinte, (2) a

contribuição para a melhoria das condições de vida na comunidade, (3) realizações susceptíveis de virem a ser recordadas por um longo período de tempo, (4) acções criativas ou actuação produtiva e finalmente (5) o cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas. Apesar da escala abarcar estas várias dimensões da generatividade, os seus autores propõem a extracção de apenas um *score* global que resultará do somatório das pontuações atribuídas pelos respondentes a cada item (havendo o cuidado de cotar de forma inversa os itens apresentados sob forma de negação). Os itens são avaliados de acordo com uma escala que explicita a frequência com que a asserções neles contidas se aplicam ao inquirido, indo desde "nunca se aplica" (0), até "aplica-se com muita frequência" (3)

A Lista de Comportamentos Generativos (LCG) fornece, como o próprio nome sugere, um elenco de comportamentos generativos. Embora advirtam que a generatividade não deva ser reduzida a uma lista de comportamentos, os autores argumentam que a sua listagem poderá ser muito frutuosa na avaliação da componente de acção generativa. A LCG apresenta 50 comportamentos sobre os quais cada participante deverá avaliar se nos últimos dois meses nunca os desempenhou (0), os desempenhou uma vez (1) ou mais do que uma vez (2). A pontuação final resulta da soma dos números assinalados em cada item, com excepção de alguns itens que o autor aponta como itens de filtragem ("filter itens") utilizados para analisar eventuais enviezamentos de resposta.

Procedimento

Aquando da divulgação do estudo e do pedido de participação de voluntárias, indicou-se que os objectivos do trabalho se integravam num estudo de desenvolvimento da pessoa adulta. Foi explicado que a participação no estudo seria anónima e demoraria

cerca de 15 minutos, consistindo a tarefa em responder a vários itens de dois questionários.

A administração dos instrumentos foi sempre feita por psicólogos e quando não era, eventualmente, possível ao participante preencher os dois instrumentos na sua presença, poderia fazê-lo em casa, devendo, contudo, devolvê-lo ao psicólogo, relatando se tinha sentido alguma dificuldade na resposta a algum item.

No tratamento de resultados demos conta de vários *missing values* tanto na EGL como na LCG. No que respeita ao procedimento seguido, decidimos que os participantes que tivessem duas ou mais respostas em falta, os *scores* não seriam calculados na escala onde tal eventualidade sucedeu. Por essa razão dispomos de um total de respondentes maior no caso da EGL (n=260) e menor na LCG (n= 222). Sempre que só se registasse a presença de um *missing value*, atribuíamos-lhe uma pontuação igual à média das pontuações obtidas pelo indivíduo nos restantes itens da escala.

Resultados

Os resultados serão apresentados ao longo de quatro secções. Na primeira daremos conta das análises referentes à determinação de algumas características métricas dos instrumentos ensaiados para avaliar a preocupação e a acção generativa. A segunda procederá a uma comparação sumária entre as medidas gerais da generatividade obtidas neste estudo e no trabalho que aqui nos serve, principalmente, de referência de (McAdams & de St. Aubin, 1992). Na terceira examinaremos os resultados em função de várias características dos participantes.

Análise de Algumas das Características Métricas dos Instrumentos

Os participantes forneceram indicações de que compreenderam bem o conteúdo dos itens, utilizando, globalmente, todas as possibilidades de pontuação previstas nas

escalas de resposta da EGL e da LGC. Contudo, no caso da EGL, vários dos respondentes evidenciaram alguma estranheza relativamente ao item 2 (“Penso que gostaria de ter o trabalho de um professor”). De facto, para quem profissionalmente já exercia funções de docência avaliar tal afirmação poderia não fazer muito sentido. Aliás, considerando que a esmagadora maioria dos inquiridos era professor, aquela estranheza reflectiu-se na circunstância de ter sido, precisamente esse item, aquele onde registámos a maior incidência de *missing values* (no total dos efectivos examinados, o valor elevou-se a 7.31%).

A análise dos parâmetros das distribuições relativas aos diferentes itens evidenciou que as médias e as medianas mantinham, entre si, uma notável proximidade. Por outro foi possível verificar que os coeficientes de assimetria e de curtose flutuaram, tipicamente, no espaço definido pelos valores de ± 1.00. Conclui-se, assim, que, para a generalidade dos itens, a dispersão das pontuações revelou ser, grosso modo, sobreponível à da curva normal.

Feito idêntico estudo para os *scores* resultantes do somatório dos itens (*cf.* **quadro 1**) pudemos apurar que os resultados globais dos participantes se estenderam por um extenso espaço de variação, com médias e medianas situadas em valores próximos, apresentando coeficientes de assimetria e de curtose inferiores a 1. Este conjunto de dados sugere, pois, que ambos os instrumentos revelam níveis de sensibilidade bastante aceitáveis.

Quadro 1- Variação, Medianas, Médias, Desvios Padrão, coeficientes de Assimetria e de Curtose para os resultados da EGL e à LCG.

	Variação	**Mediana**	**Média.**	**D.P.**	**Assimetria**	**Curtose**
Escala de Generatividade de Loyola (EGL)	12-58	34.00	34.98	7.48	.249	.252
Lista de Comportamentos Generativos (LCG)	8-75	29.00	31.75	13.86	.928	.703

A consistência interna da EGL, expressa pelo coeficiente *alpha* de Cronbach para os 20 itens, foi de 0.79 –contra 0.84 apurado por McAdams e de St. Aubin (1992). No que diz respeito à consistência interna da LCG, avaliada através do mesmo coeficiente, o valor obtido foi de 0.90 –McAdams e de St. Aubin (*op. cit.*) não apresentam o cálculo desta medida, pois estavam, acima de tudo, interessados em construir indicadores que validassem a EGL, limitando-se a relatar a presença de correlações significativas entre as duas escalas.

Pontuações gerais de Generatividade

As pontuações globais de generatividade da nossa amostra não são inteiramente sobreponíveis às observadas por McAdams e de St Aubin (*op. cit.*). Pese, embora, o facto de, genericamente, os respondentes portugueses possuírem –sob o ponto de vista formal– níveis de preparação académica superiores, a verdade é que as suas médias na EGL parecem situar-se bastante abaixo das obtidas junto dos participantes norte americanos (*cf.* **quadro 2**). Todavia, no caso da LCG, os resultados estão longe de revelar grandes discrepâncias.

Quadro 2- Média das pontuações na EGL e na LCG na amostra portuguesa e na de McAdams e de St. Aubin (1992).

	Amostra Portuguesa	**McAdams & de St. Aubin**
Escala de Generatividade de Loyola (EGL)	34.98 (N= 260; D.P.= 7.48)	41.47 (N= 149; D.P.= 7.40)
Lista de Comportamentos Generativos (LCG)	31.75 (N= 222; D.P.= 13.86)	32.37 (N= 79; D.P.= 11.24)

Conforme era teoricamente esperado, foi possível verificar a existência de associações entre a preocupação e a acção generativa. Com efeito, as análises mostraram que os *scores* da EGL correlacionaram-se positivamente com os valores da LCG ($r=.361$; $p<.001$).

Examinaremos, de seguida, as medidas de generatividade em função de variáveis como a idade, o sexo, a condição de maternidade/paternidade e o estatuto ocupacional dos participantes. Uma vez que, nalgumas das condições a contrastar, as distribuições não apresentavam homogeneidade da variância, optámos por recorrer ao modelo não paramétrico para determinar a significância das diferenças. A fim de mantermos critério uniforme, utilizámos sempre esse tipo de estatística mesmo nas circunstâncias em que se encontravam respeitadas as assunções indispensáveis ao uso dos testes paramétricos.

Pontuações de Generatividade e Características dos Participantes

Em ordem a avaliarmos os efeitos estatísticos associados à idade, constituímos quatro grandes grupos etários. O primeiro incluía os respondentes com menos de 30 anos de vida. O segundo, integrava os que tinham entre 30 e 40 anos, o terceiro os que

possuíam de 41 a 50 anos e, finalmente, o quarto englobava os inquiridos com 51 ou mais anos.

A **figura 1** mostra as medianas dos valores da EGL em função dos grupos etários.

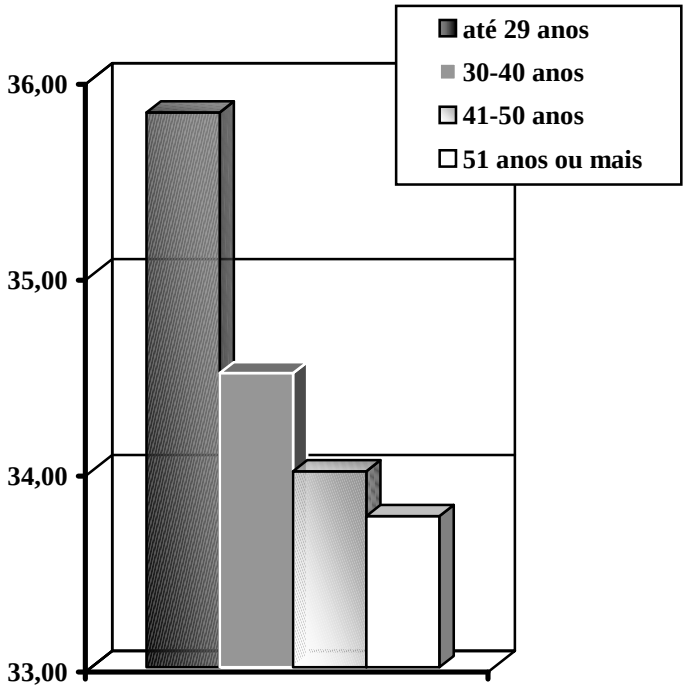


Figura 1- Medianas das pontuações na EGL em função dos grupos etários.

Analisadas as diferenças através do teste de Kruskal-Wallis, pudemos verificar que a idade dos inquiridos esteve, em termos globais significativamente associada às pontuações de preocupação generativa (χ^2 =11.85, gl=3, p=.008).

O grau da preocupação generativa parece decrescer com a idade. A prova de Mann-Whitney, ilustra que as diferenças entre o grupo dos inquiridos com menos de 30 anos e os grupos de respondentes situados na faixa etária dos 40-50 anos (U= 1984.50; N_1= 95, N_2= 60; P=.001) e dos mais de 51 anos (U= 868.50; N_1= 95, N_2= 27; P=.011) constituem, aqui, a grande fonte de variação dos resultados. Na verdade, nenhuma das outras comparações entre dois grupos revelou discrepâncias estatisticamente significativas.

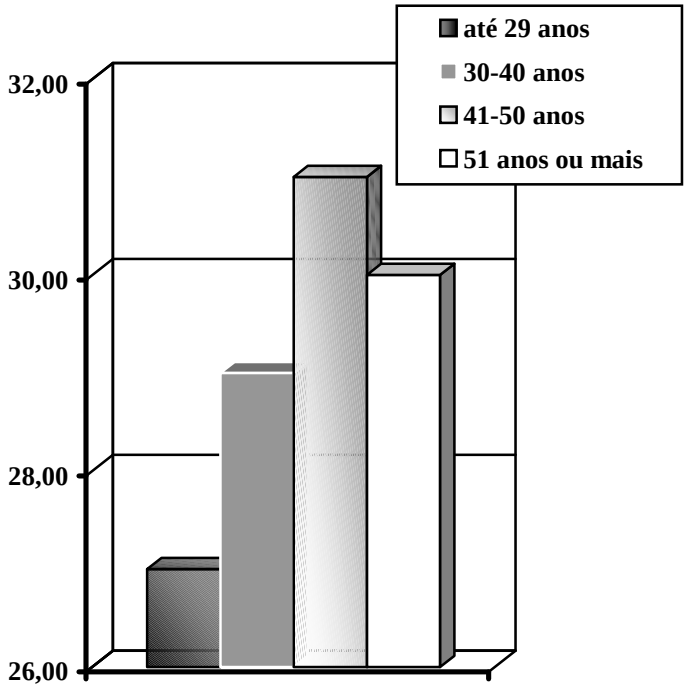


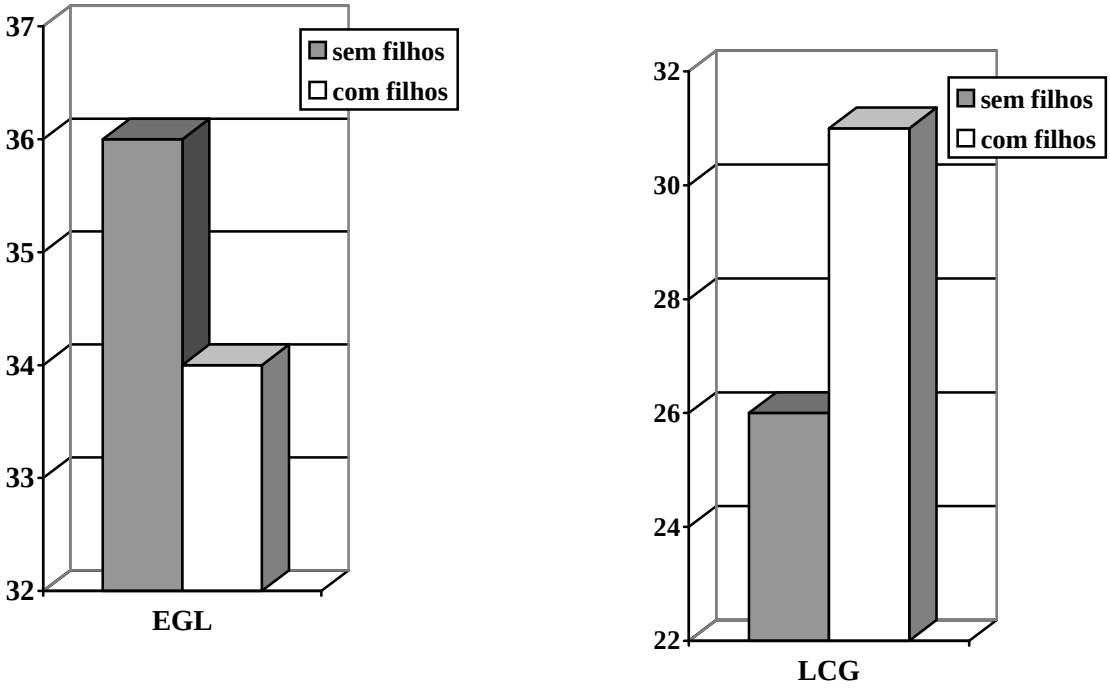
Figura 2- Medianas das pontuações na LGC em função dos grupos etários

Quanto aos resultados da LCG (**figura 2**) a aparente tendência de se verificar um maior número de acções generativas nos escalões etários mais elevados não é estatisticamente sustentada. De facto, o teste de Kruskal-Wallis mostrou que a hipótese nula está longe de poder ser descartada (χ^2 = 2.513; gl=3; p= .474). Da mesma forma, não detectámos diferenças relacionadas com o sexo dos participantes, quer na medida de preocupação generativa –EGL (U de Mann-Whitney= 4304.50; N_1= 221, N_2= 39;

p=.991)–, quer na das acções generativas –LCG (U de Mann-Whitney= 2991.50; N1=188, N2=34; p=.552).

A relação entre a condição de ser pai ou mãe e o nível da preocupação generativa avaliada através da EGL (**figura 3**) revelou-se significativa, constatando-se pontuações mais elevados junto dos inquiridos sem filhos (U de Mann-Whitney=7096; N_1=121, N_2=139; p=.03).

Figura 3- Medianas das pontuações na EGL e na LCG em função do estatuto de parentalidade.



No que respeita à acção generativa medida pela LCG, observou-se, curiosamente, a tendência oposta. A circunstância de se ser pai ou mãe esteve, globalmente, associada a uma maior quantidade de comportamentos generativos (U=5087.00; N_1=109, N_2=103, p=.025).

A análise feita através do teste de Kruskal-Wallis indica que os valores da preocupação generativa variaram, genericamente, com o estatuto ocupacional dos respondentes (χ^2=25.750; gl=2, p<.001).

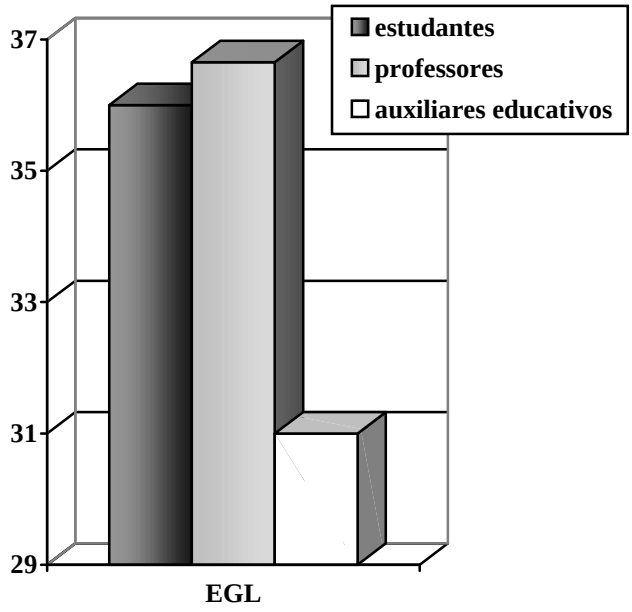


Figura 4- Medianas das pontuações na EGL em função do estatuto ocupacional dos inquiridos.

Conforme a **figura 4** sugere, professores e estudantes não diferiram significativamente. A origem da variação dos resultados reside nas respostas dos auxiliares da acção educativa que pontuaram mais baixo do que o grupo dos estudantes (U de Mann-Whitney= 265.50; N_1= 32, N_2= 41; p<.001) e dos professores (U de Mann-Whitney= 2023.50; N_1= 185, N_2= 41; p<.001).

No que respeita à acção generativa (figura 5) o teste de Kruskal-Wallis indica que as pontuações dos grupos variaram, marginalmente, de forma significativa (χ^2=6.033, gl=2, p=.049).

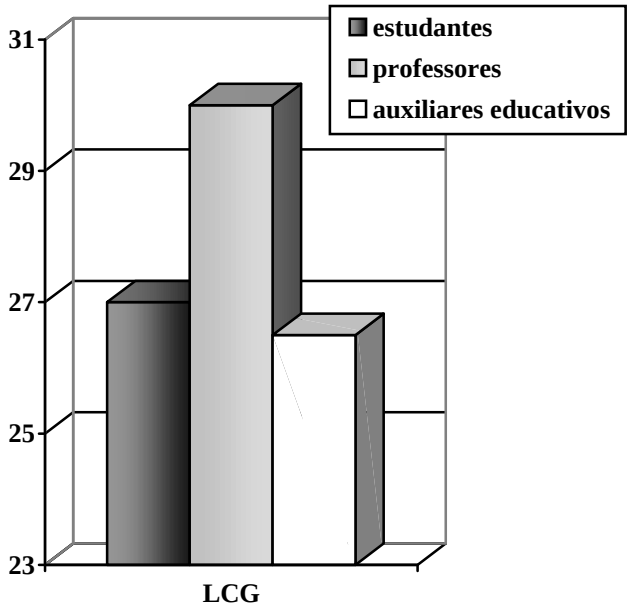


Figura 5- Medianas das pontuações na EGL em função do estatuto ocupacional dos inquiridos.

O exame detalhado das diferenças revelou que só as pontuações dos professores e dos auxiliares da acção educativa se distinguiram significativamente (U de Mann-Whitney= 1880.50; N_1= 162, N_2= 30; p=.049). Entre aquele primeiro grupo e o dos estudantes, o valor de alpha rondou, sem o atingir, os níveis de significância normalmente aceites (U de Mann-Whitney= 1869.00; N_1= 162, N_2= 29; p=.080).

Discussão

Os dados da nossa amostra revelam em primeiro lugar que os instrumentos utilizados apresentam sensibilidade e consistência interna adequados para serem utilizados na observação e compreensão de diferenças individuais na generatividade. Embora ainda nos faltem dar mais alguns passos no sentido da sua adaptação completa e ver, como o faz McAdams, a sua relação com a desejabilidade social, sem dúvida que os dois instrumentos utilizados revelam ter boa consistência interna. O item 3, "Penso que gostaria de ter o trabalho de um professor", que revelou alguns problemas, identificados pela verbalização de alguns professores e por ter sido o item com o número mais elevado de "missing values", poderá ser facilmente resolvido se optarmos em futuras utilizações a amostras de professores, por o colocar na negativa "Penso que não gostaria de ter o trabalho de um professor" e cotá-lo de forma inversa.

Em segundo lugar, as pontuações globais de preocupação generativa da nossa amostra são inferiores à da amostra norte-americana da McAdams mas a de acção gernerativa são idênticas. O significado desta diferença pode residir na amostra considerada ou em factores culturais mais vastos. Em suma, parece plausível apontar para efeitos de padrões culturais diversos ou então para efeitos de um certo período histórico, pois o estudo de McAdams tem já 12 anos, ou, ainda, finalmente, a conjugação destes dois factores.

Em terceiro lugar, as pontuações de preocupação generativa da nossa amostra diferem significativamente consoante a idade, ao contrário das acções generativas que embora tendam a ser mais elevadas nos grupos com mais de 40 anos, não o são de forma suficiente para a obtenção de diferenças significativas. Como acontece em outros estudos de desenvolvimento, a comparação transversal de dados associados à idade pode revelar-se falaciosa na medida em que não é a idade o único factor que está a

variar. Quando comparamos os dados da generatividade em diferentes grupos de idade estamos sobretudo a comparar gerações diferentes de pessoas. Deste modo, o significado da diferença encontrada na preocupação generativa apenas poderá ser interpretado como revelando que a geração mais nova, dos 19 aos 29 anos, apresenta valores de generatividade mais elevados do que a geração dos 30 aos 40 anos e, sobretudo, do que a geração que tem entre os 40 e os 50 anos. Estes dados não nos indicam, assim, como será a generatividade do grupo dos mais jovens quando tiverem mais idade nem como foi a generatividade dos que agora são mais velhos quando tinham idade mais baixa. Por outro lado, sem dúvida que há qualquer coisa de surpreendente nestes dados, que tem a ver com o facto de os dados até agora conhecidos apontarem para que é a geração que se situa na meia-idade aquela que apresenta valores mais elevados de preocupação e de acção generativa. Como interpretar, então, esta discrepância? Parece evidente que algum dos componentes da preocupação generatividade é mais forte junto da nossa amostra mais jovem. E pode também estar a acontecer que as amostras menos jovens apresentem menor preocupação generativa do que os mais jovens devido a estarem a realizar mais acções generativas. Por isso, não podemos adiantar muito mais, sem perceber as relações entre a preocupação e a acção generativa. Variarão de forma positiva e directa? Parece que sim a acreditar na correlação que encontramos entre as duas medidas. Contudo, esse valor de correlação é de difícil significado desenvolvimental quando não é feito com as mesmas gerações. Por isso, parece que só poderemos compreender bem o significado desenvolvimental dessas relações, através da utilização de estudos longitudinais, que nos mostrem a variação dentro de uma mesma geração de pessoas, das pontuações de generatividade. No que respeita à ausência de diferenças significativas nas pontuações de acção generativa – que também contrasta com os dados até agora conhecidos que apontam para uma acção

generativa significativamente mais elevada nos adultos - devermos interpretar com cautela estes dados, embora não possamos deixar de colocar algumas perguntas. Os nossos dados mostram a mesma tendência de outros estudos, com uma maior pontuação no grupo dos adultos de meia-idade (41 aos 51 anos) mas não chega a ser significativa. Precisávamos de testar novamente este dado com amostras mais diversificadas e representativas. Mas sobretudo precisávamos de entender como varia a acção generativa ao longo do ciclo de vida e de que factores depende. Só após esse estudo estar feito poderíamos perguntar com mais substância. Porque é que os nossos adultos revelam menor generatividade do que os mais jovens quando seria de esperar o contrário? O que está a acontecer com os nossos adultos?

Em quarto lugar, ao contrário de outros estudos não encontramos diferenças de generatividade consoante o sexo. Na amostra de McAdams houve apenas uma interacção entre sexo e condição de paternidade: apenas os homens com filhos revelaram pontuações significativamente maiores de preocupação generativa do que os que não tinham filhos ao contrário das mulheres que não apresentam diferenças consoante a sua condição de serem ou não mães. Evidentemente que como a nossa amostra do sexo masculino é muito reduzida quando comparada com a do sexo feminino não pudemos com razoabilidade observar essa interacção. De qualquer modo parece-nos ser um dado importante e a merecer atenção numa altura em que tanto se investiga as diferenças de género. E a reforçar esta nossa constatação está igualmente a de McAdams que também não encontrou diferenças nestas duas medidas consoante o sexo.

Em quinto lugar, a nossa amostra revela um dado algo surpreendente ao mostrar uma relação inversa entre preocupação e acção generativa consoante a condição de ser ou não mãe ou pai: se no que respeita à acção generativa os dados apontam, como se

esperava, um número significativamente mais elevado de actos generativos por parte de quem tem filhos, no que respeita à preocupação generativa detectamos que as pessoas sem filhos apresentam pontuações significativamente mais elevadas de preocupação generativa do que as que têm filhos. Estes dados contrastam com os encontrados por McAdams e de St Aubin (1992). Estes autores embora esperassem encontrar níveis maiores de preocupação generativa e de acção generativa entre as pessoas que são pais e mães, apenas encontrou diferenças nos homens, entre os que têm e os que não têm filhos. No nosso caso, o que é surpreendente é o termos encontrado níveis mais elevados de preocupação generativa entre quem não tem filhos. Contudo, uma análise mais atenta pelos dados de McAdams e de St Aubin (1992) não nos diz se os participantes que são pais tinham, quando jovens, baixas ou elevadas preocupações generativas. Mais uma vez surge-nos aqui o problema de compreender por um lado a evolução da generatividade ao longo do ciclo de vida e compreendê-la igualmente em função de determinadas gerações ou períodos históricos.

Em sexto lugar, as relações que encontramos entre preocupação generativa e acção generativa e o estatuto ocupacional suscitam-nos algumas observações conducentes a uma espécie de agenda de investigação da generatividade. De facto, também aqui os nossos dados têm algo que importará realçar: a semelhança de preocupação generativa entre estudantes e professores e a uma distância considerável a preocupação generativa dos auxiliares de acção educativa. Os baixos valores de generatividade dos auxiliares de acção educativa além de revelarem dados individuais, que podem ter sido influenciados pelo seu nível de escolaridade e pela sua educação revelam obviamente dados do ambiente actual onde vivem, no sentido de serem pouco propícios à expressão generativa ou pouco estimulantes ou reforçadores da expressão pessoal de generatividade. Por outro lado, estes dados apontam para o potencial

generativo dos nossos estudantes de educação e de ensino, o que parece ser um bom indicador de desenvolvimento e de realização futura desses actuais estudantes.

Em suma o objectivo de compreender o "estado" da generatividade dos nossos adultos e, sobretudo, educadores, através de medidas de preocupação e acção generativa, forneceu-nos dados importantes mas, ao mesmo tempo, complexificou-se ao longo do estudo, tornando esse objectivo relativamente secundário a médio e longo prazo, em relação ao objectivo de compreender a sua evolução ao longo do ciclo de vida.

O valor heurístico e desenvolvimental que o conceito de generatividade veicula e, sobretudo, o modelo proposto por McAdams e St Aubin de conceptualização de generatividade, parecem constituir uma verdadeira agenda de investigação. Essa agenda poderá visar a criação e o desenvolvimento de uma psicologia da generatividade, através de investigação com profissionais transdisciplinares que procurem teorizar e conhecer as condições que promovem ou que impedem elevadas pontuações generativas, situações ou contextos generativos e sociedades mais generativas.

Referências

Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores

Erikson, E. H. (1982). The life cycle completed. New York: Norton

McAdams, D. P. & de St Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 1003-1015

McAdams, D. P. & Hart, H. M. & Maruna, S. (1998). The anatomy of generativity. In Dan P. McAdams and Ed de St Aubin (Eds). *Generativity and Adult*

Development: How and why we care for the next generation. Washington, DC: APA

McAdams, D. P. & Logan, R L. (2004). What is generativity? In Ed de St Aubin and Dan P. McAdams and Tae-Chang Kim (Eds). *The Generative Society: Caring for future generations.* Washington, DC: APA